

# NOTAS ETNOGRÁFICAS SOBRE O ENVELHECIMENTO NA REGIÃO CENTRAL DA CIDADE DE SÃO PAULO

Monique Borba Cerqueira<sup>1</sup>

Manuela de Resende Botelho Rizzaro Pucci<sup>2</sup>

Joyce Bernardo<sup>3</sup>

Bianca Dias Amaral<sup>4</sup>

Rodrigo Marcinkevicius Saltão<sup>5</sup>

Karen Cristina Martinelli da Silva<sup>6</sup>

Laura Castelo Branco Silveira<sup>7</sup>

**Resumo.** Ao supervalorizar a jovialidade, a sociedade contemporânea transforma a velhice em problema social e adota a perspectiva do anti-envelhecimento como contraponto à inutilidade, um dos estereótipos mais associados a esta fase da vida. A fala dos velhos sobre si, seus anseios e necessidades nem sempre coincidem com os novos discursos das políticas sociais, com as formas de captura e os

---

<sup>1</sup> Bacharel em Ciências Sociais (UERJ), Mestre em Sociologia (UNICAMP), Doutora em Políticas Sociais e Movimentos Sociais (Programa de Estudos Pós-Graduados em Serviço Social da PUC/SP), Pesquisadora do Instituto de Saúde – (SES/SP), Coordenadora do Módulo de Ciências Sociais do Programa de Aprimoramento Profissional em Saúde Coletiva do IS (moniqueb@terra.com.br) .

<sup>2</sup> Psicóloga, Universidade Presbiteriana Mackenzie.

<sup>3</sup> Enfermeira, Universidade Nove de Julho.

<sup>4</sup> Obstetrix, Universidade de São Paulo (USP).

<sup>5</sup> Fisioterapeuta, Universidade de São Paulo (USP).

<sup>6</sup> Enfermeira, Universidade Anhembi Morumbi e Especialista em Enfermagem do Trabalho - Centro Universitário São Camilo.

<sup>7</sup> Psicóloga, Pontifícia Universidade Católica (PUC/SP).

rótulos que se abatem sobre eles — “*melhor idade*,” “*terceira idade*,” “*idoso ativo*,” “*idoso produtivo*,” etc. A vida, o ser e o fazer cotidianos, subvertem os modelos que tentam homogeneizar todo um segmento geracional, não permitindo simplesmente que se viva a experiência de ser velho. Este artigo apresenta um breve mosaico de situações e acontecimentos sobre como é ser velho na cidade de São Paulo — dificuldades, alegrias e surpresas. Trata-se de pensar o envelhecer sem ocultar ou negar o que está implícito nesta fase da vida, adotando, porém, uma perspectiva avessa a uma moral do envelhecimento perversa que injeta permanentemente “novas verdades” e preconceitos na base das relações sociais. Este trabalho é um estudo etnográfico de caráter exploratório que pretendeu percorrer parte da região central do município de São Paulo em busca do reconhecimento de diferentes modos de interação entre o velho e a cidade. Assim, objetivou-se dar visibilidade aos diferentes lugares sociais ocupados pelos velhos, focalizando o cotidiano urbano de homens e mulheres em distintas esferas da vida social.

**Palavras-Chave:** envelhecimento – cidade – modos de vida – sociologia do cotidiano.

## ETHNOGRAPHIC NOTES ABOUT THE AGING IN THE CENTRAL AREA OF SÃO PAULO CITY

**Abstract.** Overestimating joviality, the contemporary society turns old age into a social problem and adopts an anti-aging perspective as a counterpoint to inutility, one of the most associated stereotype with that phase of life. The talk of old people about themselves, their expectations and necessities do not always coincide with the new speeches of social politics, with the new ways of capturing and the labels they are

addressed to – “best age,” “third age,” “active aged,” “productive aged” and so on. Life, the daily being and doing, subverts the models which try to homogenize the whole segment of a generation who is not allowed to simply living the experience of being old. This article presents a brief mosaic of situations and events about what being old is like in São Paulo city – difficulties, joys and surprises. It is a question of thinking about getting old without concealing or denying what is implicit on this phase of life, adopting, however, an opposite perspective to a perverse ethics of the aging which permanently injects “new truths” and prejudices into the basis of the social relations. This work is an ethnographic exploratory study which has intended to range over the central area of São Paulo city searching for the acknowledgment of different ways of interaction between the aged and the city. Therefore, the purpose was to give visibility to the different places occupied by the aged focusing the urban everyday life of men and women in distinct scopes of social life.

**Keywords:** aging – city – ways of living – everyday life sociology

Mais um ano que se passa  
Mais um ano sem você  
Já não tenho a mesma idade  
Envelheço na cidade

(Envelheço na cidade – Ira)

## INTRODUÇÃO

No primeiro semestre de 2010, durante o módulo de Ciências Sociais ministrado no curso de Aprimoramento Profissional em Saúde Coletiva, realizado no Instituto de Saúde, foi proposto um estudo etnográfico exploratório sobre envelhecimento na cidade de São Paulo. Este estudo percorreu bairros, ruas, avenidas e viadutos tradicionais, pontos importantes do centro da cidade de São Paulo, como a Av Paulista, Rua 25 de março, Ladeira Porto Geral, Praça da Sé, Viaduto do Chá, Praça da República, Pátio do Colégio, Largo de São Bento, Largo do Arouche, Rua Barão de Itapetininga e outros logradouros paulistanos em busca de uma cena cotidiana — os velhos na cidade. Este artigo é o resultado do exercício sistemático de observação e conversas informais com os sujeitos de pesquisa, considerando seus mapas de pertencimento socioculturais. Nosso objetivo não foi aprofundar questões, mas produzir um campo de indagações a partir dos diferentes lugares sociais ocupados pelos velhos na cidade, desde a esfera do trabalho ao lazer. Nesse sentido, percorrer a cidade tomando as ocorrências do envelhecer como foco do cotidiano urbano acabou tornando-se uma experiência surpreendente, ao observarmos que muitos estereótipos da velhice, como impotência, dependência e isolamento social caem por terra diante das formas de enfrentamento do desafio metropolitano assumidas pelos velhos.

## 2 SOBRE A CIDADE - Os SENTIDOS DA CIDADE

De uma cidade não aproveitamos as suas sete ou setenta e sete maravilhas, mas a resposta que dá às nossas perguntas (CALVINO, 2003).

A cidade não se resume a uma área urbana habitada e circunscrita espacialmente, tampouco se limita a uma determinada entidade político-administrativa urbanizada. Uma cidade só existe por causa das pessoas que a habitam e modelam cotidianamente. Por isso a cidade é feita de odores, sons, objetos, desejos, rotinas, diversidade, movimento e mudança constante. Lugar de refúgio e ameaça, a cidade protege e agride, une e separa, inscrevendo-se no registro do múltiplo e inesperado.

A partir da segunda metade do século XVIII uma nova realidade aparece para os indivíduos, as grandes cidades. Muitos fenômenos gerados com o advento da cidade atingiram em cheio a intimidade das pessoas, alterando seus modos de vida. A vida psíquica dos indivíduos foi radicalmente alterada. Ainda hoje podemos reviver experiências de estranheza causadas pelas cidades que se modernizavam em todo o mundo: “ (...) *a pessoa em nenhum lugar se sente tão solitária e perdida quanto na multidão metropolitana*” (SIMMEL, 1987). Engels (2008), ao descrever a situação da classe operária na Inglaterra no século XIX, dá especial atenção ao impacto causado pelo fenômeno moderno da multidão:

Quando se vagou alguns dias pelas calçadas das ruas principais, só então se percebe que esses londrinos tiveram de sacrificar a melhor parte de sua humanidade para realizar todos os prodígios da civilização com que ferve sua cidade; (...) O próprio tumulto das ruas tem algo de repugnante, algo que revolta a natureza humana. Essas centenas de milhares de pessoas de todas as classes e situações, que se empurram umas às outras (...) passam correndo uns pelos outros, como se não tivessem absolutamente nada em comum, nada a ver uns com os outros; (...) não ocorre a ninguém conceder ao outro um olhar sequer. Essa indiferença brutal, esse isolamento insensível de cada indivíduo em seus interesses privados, avultam tanto mais repugnantes e ofensivos quanto mais esses indivíduos se comprimem num espaço exíguo (ENGELS, 2008).

A cidade cria diferentes formas de ser, sentir, viver, onde novos valores apontam para a emergência de diferentes padrões de comportamento e convivência. O fenômeno da impessoalidade é uma das marcas modernas que daria lugar à extrema individualização contemporânea.

Antes do desenvolvimento dos ônibus, dos trens, dos bondes do século XIX, as pessoas não conheciam a situação de terem de se olhar reciprocamente por minutos, ou mesmo por horas a fio, sem dirigir a palavra uns aos outros (BENJAMIN, 1995).

No espaço das cidades passam a ser exigidas novas relações sociais, onde a pontualidade, a calculabilidade, a exatidão e a extrema racionalidade redireciona a

personalidade e a vida social. Assim, o cidadão metropolitano é levado a adotar uma série de comportamentos, como o estabelecimento de contatos superficiais, autopreservação e a reserva que corresponde ao ideal racionalista e às exigências das novas práticas econômicas. Neste cenário, onde o tempo é cada vez mais veloz, a cidade parece implacável com os velhos, obrigando-os a se adequar a uma lógica temporal difusa, fugidia e a um modo de vida perturbador. Mas essa realidade soberana do contexto urbano não é absoluta, é passível de enfrentamento, como nos mostraram os velhos que foram objeto deste estudo.

### **3 A CIDADE DE SÃO PAULO E A PROBLEMÁTICA DA ACESSIBILIDADE**

São Paulo é uma cidade que impressiona — é exuberante e impiedosa. Conhecida como a capital dos negócios e das oportunidades é o maior centro cultural e gastronômico do país. Trata-se de uma metrópole com 11.057.629 milhões de habitantes, cuja taxa de alfabetização é de 95,4% da população. Os paulistanos têm fascínio por esta mega cidade, onde o metrô transporta 2,5 milhões de pessoas por dia, há 15 mil ônibus em circulação e 5.500 milhões de automóveis nas ruas<sup>8</sup>. Mas apesar de ser o centro financeiro do país, a cidade apresenta também alto índice de negócios ligados à economia informal. A fantástica economia de São Paulo — o maior Produto Interno Bruto do país — contrasta com

---

<sup>8</sup> Disponível em: <<http://www.saopaulominhacidade.com.br/>>. Acesso em: 28/4/2010.

um cenário expressivo de segregação social e urbana. As periferias caracterizam-se como espaços homogêneos localizados nas extremidades da região metropolitana e constituídos de áreas irregulares e terrenos invadidos que dividem o espaço de segregação da cidade com as favelas. A pobreza altamente concentrada espacialmente e a profunda desigualdade na divisão dos benefícios da urbanização fazem parte da rotina urbana. A cidade de São Paulo aparece então associada a um acúmulo de situações de risco social, espacial e ambiental que combinam desastrosos indicadores socioeconômicos com acidentes naturais, enchentes e deslizamentos de terra periódicos (TORRES, 2003).

Segundo dados<sup>9</sup> de 2010, a cidade possui 11, 88% da população com mais de 60 anos. “*Na cidade de São Paulo, nos últimos dez anos, o número de paulistanos com sessenta anos ou mais subiu 35% e chegou a 1,3 milhão.*”<sup>10</sup> Envelhecer em São Paulo não é tarefa fácil. Apesar de ser a sexta maior cidade do mundo, estamos longe de ser uma cidade acessível, onde os espaços permitam a adaptação de qualquer indivíduo — mesmo aqueles com perdas funcionais —, de forma a contribuir para uma maior autonomia e inclusão das pessoas (PRADO, 2003). Pensar o envelhecimento na cidade implica considerar as disfunções orgânicas próprias ao envelhecimento que interferem na capacidade de adap-

---

<sup>9</sup> Proporção da população de 60 anos e mais (em%) em relação ao total da população em determinado espaço geográfico, no ano considerado. Fonte: SEADE

<sup>10</sup> Disponível em: <<http://www.portaldoenvelhecimento.net>> Acesso em: 6/5/2010.



tação ao espaço. Na região central da cidade encontramos dificuldades na utilização espacial, seja nas ruas, nos transportes públicos, na condução de veículos particulares, etc. Nas calçadas, muitas pessoas caminham num fluxo intenso, contínuo, frenético e em alta velocidade. Trata-se do conflito do ritmo:

Quanto maior e mais global a cidade, mais acelerado é o ritmo e hostil o ambiente. O idoso, com a lentidão imposta por suas condições físicas, se expõe aos riscos de acidentes e quedas, e sente falta da gentileza urbana (FERNANDES, 2000).

Em alguns pontos da cidade há muita sujeira e alguns buracos grandes no chão; em praticamente parte alguma das principais avenidas do centro, há bancos para descanso, um recurso necessário ao conforto dos pedestres, em especial, os velhos. A circulação pela cidade é prejudicada por irregularidades nas calçadas ou obstáculos que causam transtornos e colocam em risco a vida dos pedestres que, muitas vezes, são obrigados a transitar pela rua, indo de encontro aos carros que circulam em velocidade. Proliferam no centro da cidade os pisos escorregadios, calçadas quebradas, espaços para pedestres ocupados por ambulantes, obstáculos como raízes de árvores, tapumes de reformas da prefeitura, principalmente, devido às novas instalações do metrô na região. O lixo encontra-se espalhado em todas as calçadas, especialmente na região da Rua 25 de março, o maior centro de compras populares da América Latina.

A Avenida Paulista, ao longo dos seus 2,8 Km de

extensão, poderia constituir uma exceção por sua grandiosidade, beleza e modernidade. Mas o tempo de duração que um semáforo exclusivo para pedestres fica aberto é de 25 segundos. Apesar de parecer muito tempo para a travessia, a Avenida Paulista é larga, contém de quatro a cinco faixas de trânsito em cada direção. As pessoas idosas que circulam pela Paulista utilizam o metrô, ônibus ou simplesmente caminham pela avenida. Para esta população é muito comum atravessar somente um dos lados da avenida e esperar o semáforo de pedestres fechar e abrir novamente para concluir a travessia. O risco aumenta devido ao tempo de espera, quando é preciso aguardar longamente os faróis fecharem ou arriscar a travessia das ruas que cortam a Avenida Paulista.

Um problema de acessibilidade que atinge, não apenas São Paulo, mas todas as cidades brasileiras, diz respeito à inexistência de sanitários públicos. Tal questão pode ser determinante para a circulação de todos aqueles segmentos, idosos ou não, que possuem problemas gastrointestinais ou genitourinários. Isso mostra que São Paulo está longe de ser considerada uma cidade acessível. Não basta ter assentos reservados ao idoso nos transportes coletivos, é preciso disponibilizar o embarque e desembarque em nível, dispensando a barreira dos degraus. Uma senhora com quem conversamos considerou “complicado” a presença de degraus em certos ônibus, mas mais do que isso, declarou enfrentar dificuldade no momento de sair do ônibus por causa da super lotação, uma vez que os outros passageiros bloqueiam as portas. Para piorar a situação, ela nos contou que os motoris-

tas, em geral, não esperam as pessoas saírem do ônibus, o que as obriga a fazer um trajeto maior até suas casas ou a pegar outro ônibus, no sentido contrário. Ela também considerou relevante o fato de que os assentos nos pontos de ônibus sejam muito duros e baixos, o que a deixa com dores, especialmente quando os ônibus demoram mais de dez minutos para passar.

Um passeio tradicional no centro de São Paulo não pode deixar de visitar o famoso Mercado Municipal Paulistano, conhecido como Mercadão da Cantareira, um dos mais imponentes cartões postais de São Paulo. O prédio imponente, inaugurado em 1933, possui 12.600 metros quadrados de área construída e recebe por dia, aproximadamente, quatorze mil visitantes. Mas é no período do almoço que se encontra uma grande concentração de pessoas mais velhas<sup>11</sup> no Mercadão. O mercado possui dois andares e o acesso ao piso superior é feito do lado de dentro por meio de duas escadas em forma de espiral que contêm anti-derrapantes, mas muitos adesivos do piso apresentam falhas nos degraus das escadas, o que facilita a ocorrência de acidentes. Há dois elevadores de uso preferencial para idosos, gestantes e deficientes físicos. Os elevadores possuem a distância precisa de 0,80m nas portas, sendo possível, não sem dificuldade, passar uma cadeira de rodas. No Mercadão não há assentos para as pessoas descansarem, somente no piso superior ou então nas pequenas lanchonetes, obrigando aquele que des-

---

<sup>11</sup>Domingo é dia de chorinho no Mercadão. Enquanto grupos de choro tocam, as pessoas mais velhas se reencontram embaladas pelo choro – o *gênero musical da memória*.

cansa, a consumir. No Mercado vimos uma senhora de idade improvisando um banquinho para descansar com uma caixa de frutas virada na vertical, enquanto esperava suas companheiras comprarem frutas. Os sanitários, localizados no subsolo, dificultam o acesso dos idosos pela má sinalização — letras muito pequenas nas poucas placas existentes — e obrigam os usuários a usar as escadas ou elevadores. No piso inferior do prédio existe um Serviço de Atendimento Preferencial que disponibiliza o empréstimo de vinte cadeiras de roda para todo mercado. Aproveitamos a boa vontade do responsável pelo serviço para perguntar se aconteciam muitos acidentes envolvendo idosos no mercado. Ele nos disse que sim e que usualmente os acidentes aconteciam ali com idosos durante a semana, quando há entrega de peixe e o chão fica extremamente molhado e escorregadio. Complementou dizendo que quando tais acidentes ocorriam, as vítimas eram levadas para a enfermaria do mercado no subsolo. Ao ser perguntada sobre as quedas sofridas por idosos, a auxiliar de enfermagem disse que, em média, aconteciam cerca de dez acidentes por dia, sendo que grande parte podiam ser considerados acidentes leves, mas de vez em quando, havia a necessidade de transferência dos acidentados para um hospital. Segundo a informante, as causas dos acidentes estão relacionadas às subidas e descidas de rampas e escadas, a problemas de vista e à queda de pressão arterial devido à má alimentação<sup>12</sup>.

---

<sup>12</sup> Durante a semana o mercado é muito frequentado por populações mais pobres que vêm em busca do centro de compras da Rua 25 de Março, além dos moradores das imediações, constituídas por segmentos com baixo poder aquisitivo.

#### 4 VELHOS TRABALHADORES TRABALHO — PAISAGEM COTIDIANA NO CENTRO DA CIDADE



Fonte: Equipe da Profa. Monique Borba

Há velhos por toda a parte no centro da cidade de São Paulo — trabalhando, descansando, fazendo compras, sentados nas sarjetas, encontrando amigos, divertindo-se, procurando comida no lixo — seja como for, eles marcam presença na paisagem urbana. Na região central de São Paulo, os velhos, em geral, ocupam trabalhos precarizados. Muitos trabalham oito horas por dia sob sol e chuva, vindos de longe e sem vínculo empregatício. O trabalho informal nas ruas é uma das poucas opções que restam a esses homens e mulheres de idade avançada e baixa

escolaridade. Neste grupo podemos citar os plaqueiros, engraxates, carroceiros, camelôs e panfleteiros, entre outros.

Em meio ao vai-e-vem de pessoas, **plaqueiros** chamam a atenção. Carregam informações de vagas de empregos, compra e venda de ouro, anúncios de xerox, etc. Um deles, 65 anos, residente em Itaqueira, relatou que trabalha nessa área há um ano, após ter deixado o trabalho de servente de pedreiro, devido a uma cirurgia cardíaca. Depois disso, foi obrigado a procurar uma ocupação para complementar a renda familiar, passando a trabalhar oito horas por dia sem qualquer garantia trabalhista. Segundo ele: "*Se faltar um dia, eles colocam outro no lugar*". Os **engraxates** podem ter pontos fixos ou não. Há casos em que seu espaço de trabalho é mais organizado e elaborado (com sombrinha, jornal e revistas), em outros, composto apenas por caixotes. Seus clientes normalmente são homens executivos mais velhos. Os **carregadores** transportam materiais até as lojas, como ferragens, frutas e legumes. Os **carroceiros** andam pelas ruas entre os carros empurrando carroças geralmente feitas de madeira e pneus de carro, em busca de material reciclável como papelão, plástico e ferro. O preço pago pelo que recolhem nas ruas varia de acordo com o peso e o tipo do material. Um carroceiro velho, sentado na sarjeta chamou a atenção quando massageava uma de suas pernas com varizes e feridas em carne viva. Seu semblante era de dor e o seu carrinho, cheio de peso, exigia esforço demais para sua sobrevivência. A maioria dos **camelôs** do centro trabalha sem licença da prefeitura, apesar

da Lei Municipal nº 11.039, de 23 de agosto de 1991, que favorece a aquisição de permissão de trabalho para pessoas acima de 60 anos. Talvez isso se deva ao fato de suas mercadorias serem contrabandeadas e ao despreparo desses trabalhadores para lidar com a burocracia.



Fonte: Equipe da Profa. Monique Borba





Engraxate Carregador descansando

Fonte: Equipe da Profa. Monique Borba



Algumas outras ocupações/profissões chamam atenção no centro da cidade de São Paulo: os **office-velhos**, versão *senior* dos *office boys*; os *advogados*, que mesmo aposentados ainda exercem a profissão; *profissionais da fé* — pregadores, pastores, cartomantes; *artistas populares* e *artesãos*. Encontramos informações sobre *office-velhos* em uma empresa que publicou um anúncio no jornal: “*vaga para office-boy, podendo ser aposentado*”. No escritório fomos informados que ali trabalhavam, no momento, quatro *office-boys*, sendo dois aposentados e um com mais de 65 anos. O interesse econômico das empresas na contratação do *office-velho*, apelidado de *office-vô* pelos outros funcionários, é consequência da economia nas despesas com o transporte público, devido ao passe livre dos maiores de 65 anos, havendo ainda a vantagem de que os velhos não permanecem nas filas de bancos, cartórios e fóruns. Em São Paulo algumas empresas estão mudando a forma de avaliar o perfil de contratação do auxiliar administrativo, após a constatação da eficiência dos *office-velhos* que ainda somam outras qualidades como responsabilidade, seriedade, honestidade, moral elevada e postura de “*pai adotivo*” ou “*paizão*”, junto aos demais funcionários. A dificuldade, segundo o responsável pelo escritório visitado, é conseguir candidatos qualificados “*que consigam no mínimo ler, escrever e consultar o guia de ruas*”. É importante lembrar que a jornada de trabalho do *office-vô* é cansativa, devido ao desgaste dos longos deslocamentos. O horário de trabalho é das 8h às 18h e os vencimentos são da ordem de um salário mínimo, incluindo o pagamento do al-

moço pela empresa. O grupo dos chamados *profissionais da fé* refere-se àquelas pessoas que propagam a fé, divulgam crenças ou a espiritualidade, de forma remunerada ou não. Nesse grupo encontramos pessoas idosas entre *cartomantes e pastores evangélicos*.

As **cartomantes**, em geral mulheres, são comuns no centro da cidade. Atendem seus clientes em cantos recuados da calçada, sentadas em bancos de plástico, à sombra de uma árvore ou guarda-sol. Conseguimos nos aproximar de uma senhora de 76 anos que nos relatou ter descoberto seu dom para vidência ainda criança, quando brincava com cartas de baralho do pai. Disse ainda que durante sua vida adquiriu experiência sozinha, apenas se concentrando, sem a presença de instrutores ou manuais e que, por muito tempo, trabalhou em uma firma das 6 às 14 horas, onde fazia faxina e café. Após o expediente, ia para Praça da República, onde lia cartas para quem a procurava. Ela nos falou que, em geral, cobra 15 reais por leitura, mas atende o cliente mesmo que ele não tenha dinheiro. Disse que “*gosta muito do que faz*” e que hoje as cartas são uma forma de completar o pagamento de suas contas e de passar o tempo.



Cartomante

Fonte: Equipe da Profa. Monique Borba

São muitos os **artistas populares** de idade avançada: zabumbeiros, sanfoneiros, violinistas, em grupos ou individualmente, animam locais como a Praça

da Sé, Praça da República, Viaduto do Chá e Largo São Bento. No intervalo de cada música passam o chapéu ou uma caixinha pela platéia, pedindo contribuições.

Uma situação diferente aparece no Bixiga, bairro tradicional da capital paulistana, onde muitos velhos encontram-se empregados no mercado formal de trabalho. Há **empregados e donos de comércio**, sobretudo cantinas italianas, mas também *pequenos mercados, bares, barbeiros, brechós, oficinas de costura e pequenos consertos, lojas de antiguidades, borracharias, mecânicas, feiras livres*, etc.

Uma outra modalidade profissional, a dos velhos **artistas e vendedores de antiguidades**, foi observada nos seguintes locais: bairro do Bixiga, Praça Dom Orione, Praça da República e Avenida Paulista, seja no vão livre do Museu de Arte de São Paulo (MASP) ou em frente ao Parque Trianon. Em geral, o trabalho nas feiras ocorre nos finais de semana, havendo um ambiente de grande sociabilidade com os demais comerciantes e a presença da família nos locais de venda.

Encontramos também no centro da cidade **escritores** idosos que editaram seus próprios livros. Rosa Corvino, 84 anos, nasceu no Teatro Municipal, onde seu pai e avô trabalharam na construção do prédio. Ela escreveu um livro sobre suas experiências e a história do teatro:

- *Logo que me aposentei, comecei a escrever o livro para não ficar parada (...) demorei três anos para concluir. Como não entendo nada de computador, uma amiga teve que me ajudar. Deu muito trabalho”.*



Autora de obra literária

Fonte: Equipe da Profa. Monique Borba

Disse ainda que seu livro não estava nas livrarias por opção própria:

- (...) *algumas livrarias se propuseram a vender o meu livro, mas cobram muito caro e como fui professora de música toda a vida, gosto de falar com as pessoas e contar a história do livro.*

Outro fenômeno interessante verificado na região central e que vem crescendo em toda a cidade é uma **rede de agenciamento de velhos para o setor de serviços**. Há grandes redes de supermercados, *fast-foods* e drogarias, como é o caso do Pão de Açúcar, *Bob's*, *Pizza Hut* e *Ultrafarma*, que empregam idosos a partir de uma política de “incentivo à melhor idade”. Este tipo de iniciativa vem abrindo o mercado de trabalho para segmentos cuja faixa etária é mais elevada — acima dos cinquenta e cinco anos. As empresas não exigem experiência profissional na função, apenas o segundo grau completo, simpatia, conversa fluente e facilidade em lidar com as pessoas. Os velhos trabalham menos horas que outros funcionários, não realizam tarefas pesadas e, pelo que se pôde observar, parecem menos cobrados pelas chefias, atuando fundamentalmente como mediadores entre a empresa e o público. Mas o trabalho digno oferecido aos velhos também associa a imagem da empresa a valores nobres, como solidariedade e respeitabilidade. Os funcionários com os quais tivemos contato estavam bastante satisfeitos com o trabalho, sobretudo pelo novo *status* que a colocação no mercado de trabalho lhes propiciava. O gerente de um

*fast-food* nos relatou também que os velhos, além de serem mais dedicados ao que fazem, têm mais uma vantagem, permanecem por mais tempo no emprego, evitando a alta rotatividade dos demais funcionários. Ele acrescentou, apontando para um cartaz com a foto da funcionária mais velha da loja: “*Ela foi premiada aqui na loja como revelação do mês*”. Tais empresas alegam que a contratação de pessoas mais velhas cumpre uma função social, na medida em que reinsere esses indivíduos no mercado de trabalho. No sentido de elevar a imagem da empresa junto ao público, a Rede Pão de Açúcar, por exemplo, tem gerado ações, a partir de princípios, como respeitar a proteção aos Direitos Humanos, dando oportunidade a grupos historicamente discriminados “com iniciativas que contemplam jovens, idosos, deficientes físicos e adolescentes em medida socioeducativa.”<sup>13</sup>

Deve-se ressaltar que a velhice na perspectiva do envelhecimento produtivo estabelece correspondência não só com um tipo de atividade profissional bem sucedida desenvolvida por velhos, mas com a imagem de velhos saudáveis exigida pelos empregadores. Trata-se de alcançar uma “feliz idade”, tão vinculada à ilusão do “tempo livre”, onde o velho passa a ser emblema social de uma disponibilidade de tempo sem fim, a despeito dos compromissos familiares e sociais rotineiros. Tal perspectiva parece apagar a existência social dos velhos que vivem quadros mais dramáticos, aprofundados por fatores econômicos

---

<sup>13</sup>Disponível em: < [http://www.grupopaodeacucar.com.br/pactoglobal/default\\_principio01.asp](http://www.grupopaodeacucar.com.br/pactoglobal/default_principio01.asp)> Acesso em: 8/5/2010.

desfavoráveis, onde a invalidez, a perda de habilidades e capacidades os leva a se submeter a qualquer oportunidade de trabalho, situação amplamente registrada no centro da cidade de São Paulo. Além disso, a *glamourização* da velhice produtiva contribui para isentar o Estado da responsabilidade social de garantir condições de vida digna aos velhos, segmento vulnerável e importante da população brasileira. De qualquer forma, guardadas as devidas proporções, a dimensão trabalho ainda aparece como importante elemento de vínculo social para os idosos.

## 5 RELIGIOSIDADE E TRABALHO SOCIAL

### FESTA DA ACHIROPITA: TRADIÇÃO E RELIGIOSIDADE NO BAIRRO DO BIXIGA

O Bixiga é um antigo e aconchegante bairro italiano, considerado o mais paulistano de São Paulo. Esse típico local de encontro de intelectuais e artistas, localizado na região da Bela Vista, centro da cidade de São Paulo, é cenário dos 84 anos de realização da Festa da Igreja Nossa Senhora Achiropita, que levanta fundos para trabalhos sociais desenvolvidos pela Paróquia. A Paróquia Nossa Senhora Achiropita, integrante da Arquidiocese Sé, foi fundada por imigrantes italianos em 4 de março de 1926 e fica localizada na famosa Rua Treze de Maio, nº 478. Lá é desenvolvida uma série de obras sociais, constituindo-se uma grande comunidade local. As obras sociais incluem o Centro de Educação Infantil Mãe Achiropita (CEI), que atende diariamente quase 200 crianças



entre 0 e 6 anos, complementando a ação da família e da comunidade; o Centro Educacional Dom Orione (CEDO), onde são acolhidos cerca de 450 crianças e adolescentes, em sua maioria residentes no bairro do Bixiga. Após o trabalho educacional desenvolvido no Centro, os adolescentes são encaminhados para as vagas de emprego e estágio em empresas que mantêm parceria com a Paróquia e suas obras sociais. Além do CEI e do CEDO, as obras sociais incluem a Casa Dom Orione que atende pessoas acima dos 60 anos e desenvolve diversas atividades, como biodança, musicoterapia, ginástica, artes plásticas e outras atividades de convivência. Na casa também é desenvolvido o Grupo Liberdade de Alcoólicos Anônimos; a Farmácia Achiropita, que é orientada por um farmacêutico e organizada por voluntários; o Bazar Permanentemente, cujo apelido é “Cantinho da Amizade”; o Consultório Odontológico; um Curso de Corte-Costura; o Convênio com a Procuradoria Geral do Estado, além de Assistência Jurídica, Psicológica e Social.

Muitos velhos não apenas participam, recebendo benefícios sociais, como atuam como voluntários nas próprias obras sociais da Paróquia Nossa Senhora Achiropita e nas diversas tarefas para sua realização. A festa anual recebe milhares de pessoas e os velhos estão presentes ativamente, desde a organização, até as tarefas mais simples, trabalhando desde a cozinha até os banheiros da festa.

Segundo o “Atlas da filiação religiosa e indicadores sociais no Brasil”, dos 68% dos católicos da cidade de São Paulo, a grande maioria concentra-se na região central (JACOB et al, 2003). A religiosidade é

um elemento agregador no Bixiga e a devoção é amplamente compartilhada no bairro, principalmente pelos antigos moradores. Achiropita refere-se a uma das aparições atribuídas à Maria, mãe de Jesus. A origem do culto à Nossa Senhora Achiropita, segundo a igreja<sup>14</sup>, inicia em 580 d.C., quando um certo capitão Maurício enfrentou uma grande tempestade no mar. Gritava por socorro à Nossa Senhora e prometeu que, se fosse salvo com sua tripulação, construiria um grande santuário em sua homenagem. A promessa se cumpriu e o santuário foi construído em Rossano Calábrio, na Itália. Um grande artista iniciou a pintura da imagem de Maria. Ocorria, no entanto, que tudo o que pintava durante o dia desaparecia durante a noite. Assim, colocou-se um vigilante para impedir a entrada de possíveis intrusos, que deviam estar “fazendo a brincadeira”. Numa certa noite, uma formosa mulher, com uma criança no colo, pediu para entrar e rezar. Após insistir, obteve a permissão. Passaram longos minutos e a mulher não saía da igreja. Eis que o vigilante, ao entrar, viu a imagem da mulher e do menino estampadas no lugar da pintura: assim, Maria Achiropita: a – kirós – pita (não pintada por mãos humanas). O vigilante saiu gritando pelas ruas: “Nossa Senhora Achiropita! Nossa Senhora Achiropita!”

A devoção Mariana que os italianos trouxeram para o Brasil é comemorada no dia 15 de agosto, dia da Assunção de Nossa Senhora. A festa no Bixiga inicia no dia 15 do mês de agosto com a procissão, mas o

---

<sup>14</sup>Disponível em: <<http://www.achiropita.org.br>> Acesso em: 13/5/2010.

evento se estende por todo o mês, com um público em torno de 200 mil pessoas por dia. Tamanho movimento requer um árduo trabalho. Durante o evento, ouvimos um homem com cerca de 60 anos, comentando que estava de pé, desde as 4 horas da manhã, pois havia ido ao CEAGESP<sup>15</sup> buscar alimentos frescos para as receitas da festa. Aliás, todas as comidas servidas na festa são tipicamente italianas – macarrão, *fogazza*, pizza, *fricazza*, polentas à *bologneseza* e frita, antepasto, sardela, peperone, entre outras. Nesse sentido, o evento acaba se mantendo fiel às tradições italianas, quando, na verdade, uma minoria das pessoas que ali trabalham é realmente descendente de italianos.

A organização da festa, assim como as atividades da Paróquia da Achiropita, segue uma rígida hierarquização, até porque é a partir dos recursos levantados pelos festejos que se estabelece a base de sustentação para as obras sociais. A organização das atividades da festa parte de cinco casais que assumem a linha de frente dos preparativos. Estes casais integram o Encontro de Casais com Cristo que ocorre semestralmente na paróquia com o objetivo de evangelizar as famílias. Os casais dividem-se, de forma absolutamente planejada, conforme a natureza das atividades, demonstrando uma complexa organização para o desenvolvimento bem sucedido da festa da Achiropita.

Um ponto que chamou a atenção foi a forma como o trabalho desenvolvido pelos velhos surge na fala dos mais jovens. Para eles, os velhos ficam de fora do tra-

---

<sup>15</sup>Companhia de Entrepostos e Armazéns Gerais de São Paulo.

balho considerado mais pesado e participam como podem, sentados ou em tarefas mais leves, que não exijam tanto esforço. No entanto, ao conversarmos com os velhos, estes se referem ao trabalho que realizam como intenso. Ana conta como senhoras idosas carregam grandes painéis pesados, segurando uma de cada lado, ao longo da rua. Orlando<sup>16</sup> diz que, apesar dos problemas de saúde, trabalha desde o período da manhã até às 21h, todos os finais de semana da festa, no andar inferior, onde é “*muito frio e não tem boas condições*”. É que o esforço necessário para a realização das tarefas parece maior quando o corpo envelhece. Muitos velhos relataram, inclusive, problemas de saúde como impedimento para um maior envolvimento no trabalho. Eliana fala do desenvolvimento de uma artrose que a impediu, de participar mais efetivamente como antes e nos conta sobre uma colega, Joana, que já trabalhou muito na festa, mas sofreu um infarto e agora participa com mais cautela. De qualquer forma, pode-se dizer que o investimento dos velhos na realização da festa é imenso, apesar das limitações.

## 6 Os VELHOS FAZEM A FESTA

Nos anos 70, surge a primeira *fogazza* e com o sucesso de vendas a festa cresce, sai do estacionamento e passa para a rua. Segundo Orlando, 85 anos, “*as pessoas foram gostando e a produção foi aumentando*”.

---

<sup>16</sup>Todos os nomes dos informantes citados são fictícios para preservar a identidade dos mesmos.

do”. Orlando é casado há 60 anos com a paroquiana Irlanda, a dona da receita da *fogazza*, que ele afirma ser um segredo. Dos 140 quilos de massa por noite, que eram amassados com as mãos durante cinco horas, passou-se a 1200 quilos por noite. Mais recentemente, com a ajuda de maquinário, grandes pás mexem a mistura pesada de farinha e água. Orlando conta que apesar da ajuda das máquinas, o ponto da massa continua o mesmo. No ano passado foram produzidas 120.000 *fogazzas* ao todo, 2.000 por hora, ou seja, cerca de 30 pastéis por minuto, conta orgulhoso, o equipista responsável pela masseira. Durante o trabalho, Orlando fica coberto de farinha e sorri satisfeito com o sucesso da produção. Orlando conta sua história de vida e de participação na comunidade. Ele se considera “100% *Achiropita*”. Nasceu no bairro do Bixiga e fez a primeira comunhão ali na igreja, onde junto com sua esposa Irlanda trabalham para as obras sociais desde jovens. Ele falou das mudanças no mundo e da importância de Deus e da comunidade, ressaltando sempre o “*bem ao próximo*” e agradecendo ao divino por tudo que sempre teve. Emociona-se ao lembrar dos pais e de todo o bem que lhe proporcionaram, referindo-se ao trabalho social como uma forma de agradecimento pela chance de fazer o bem a quem precisa.

Mas são muitos os velhos que fazem a festa da *Achiropita*, conversamos com alguns, todos paroquianos. João, 70 anos, integrante do apoio “marketing” do setor “relações públicas”; Marinês, 70 anos, atua na congregação há mais de trinta anos, é integrante do casal responsável pelo setor “alimentação”, junto

com seu marido Vanderlei; Ana, 74 anos, participa do grupo da terceira idade da Casa Dom Orione, é coordenadora voluntária do bazar beneficente; Eliana, 74 anos e Cecília, 69 anos, participantes do grupo da terceira idade da Casa Dom Orione, atuaram como voluntárias da festa na cozinha (ajudante geral) e no banheiro (distribuição de fichas) em anos anteriores.

Fomos informados que dos quase 1000 voluntários da festa, os velhos estão mais presentes nas atividades relacionadas à cozinha, onde podem participar sentados, respeitando-se suas eventuais limitações físicas. Outra forte participação dos velhos se dá no grupo “Fé e Compromisso”, responsável pela parte espiritual da festa e que promove reuniões para todos que participam como voluntários. Os velhos estão muito presentes neste grupo e durante a Festa da Achiropita são eles que preparam a “*mística para receber as pessoas*” que vem à Paróquia.

Os significados da religiosidade e do trabalho social, pautados na experiência coletiva, produzem um sentido pessoal para cada um dos participantes da festa da Achiropita, de acordo com os valores individuais e o tipo de inserção comunitária desenvolvida. Esse conjunto de fatores colabora para a construção e o desenvolvimento de laços sociais que se traduzem em um ambiente socialmente gratificante e acolhedor para os velhos no Bixiga. Mas a presença e importância dos velhos na festa da Achiropita, evento tradicional no calendário paulistano, mostra a capacidade de negociação das identidades sociais dos mais velhos: “*A festa não apaga as diferenças, mas antes une os diferentes*”(GUARINELLO,2001). É por entre canais

de influência e poder que estruturam a produção de um grande festejo que os mais velhos se jogam no espaço aberto do viver social, com seus afetos e emoções, buscando expressar singularidade em meio a festa, uma grande produção social. Se a participação concreta em um determinado coletivo estimula a força legitimadora da própria vida cotidiana, não se pode perder de vista que a festa “(...) *é um trabalho social específico, coletivo, da sociedade sobre si mesma*” (Idem, 2001). A festa como celebração é produto do cotidiano, seus significados, sua memória no espaço social, lugar de alegria e tradição, amplamente compartilhada pelos velhos no Bixiga.



Voluntários da barraca de *souvenirs* na Festa da Achiropita

Fonte: Equipe da Profa. Monique Borba

## 7 Os VELHOS VÃO AO BAILE - ABC BAILÃO

O ABC Bailão, situado na Rua Marquês de Itu, no Centro de São Paulo existe desde 1997 e surgiu com a expansão dos bares e casas noturnas dirigidas ao público GLS na cidade. Os donos da casa realizavam, na década de 90, bailes *gays* em diversos locais de São Paulo, até fixarem-se no salão *American Grafitti* e darem início ao baile “Amigos Bailam Comigo”, que dá à sigla ao nome da atual casa, ABC Bailão. O baile ocorria somente aos sábados, mas devido ao sucesso de público, a programação foi se estendendo e hoje os bailes acontecem às quintas, sextas, sábados, domingos e feriados, no período noturno, a partir das 21 ou 23 horas, dependendo do dia. O nome da casa, ABC Bailão, leva o slogan “Encontro de Gerações”, pois com o passar dos anos, a música e o público se tornaram mais ecléticos e, apesar do público-alvo ser *gay* e possuir uma idade mais avançada, os mais jovens e heterossexuais também passaram a frequentar o espaço. Na entrada, além das placas de proibições costumeiras, há uma específica, “*não tirar a camisa*”. Práticas que podem ser comuns em outras casas voltadas ao público *gay*, ali não são permitidas. O *promoter* José explica que a proibição é em função de se “*manter o ambiente familiar*”. Estas regras diferenciam o bailão do restante das casas voltadas ao público *gay*, onde se costuma ver, por exemplo, as chamadas carícias mais ousadas, o que parece delimitar um cenário diverso em se tratando de *gays* mais velhos.

Partimos para o ABC Bailão numa quinta-feira,



por volta das 22 horas. A casa abre às 21 horas e quando chegamos já estava cheia. Neste dia havia um *buffet* gratuito, com alguns petiscos oferecidos aos frequentadores, pagando-se quinze reais de entrada, com direito a duas latas de cerveja. Para aqueles com mais de cinquenta anos havia desconto, o valor da entrada era dez reais, com uma lata de cerveja. Nos outros dias de baile, mulheres pagam valores mais altos, trinta e quarenta reais, o que facilita selecionar o público-alvo — havia cerca de quatrocentos homens e cinco mulheres no local. No entanto, não parece ser o valor do ingresso que estimula a frequência, a festa é voltada, desde o seu surgimento, para um público específico: homens *gays* “maduros”. A propósito, o logotipo da casa, representado por dois ursinhos de pelúcia de braços cruzados com a insígnia *gay* do arco-íris e pose máscula. Na gíria *gay*, “ursos” são os frequentadores das comunidades “ursinas”, uma subcultura GLBT, que determina uma identidade e também se refere a um tipo físico — homens mais velhos, ou com aparência de mais velhos, peludos, barbudos ou mais gordos, mas acima de tudo, com aspecto másculo, em contraposição ao estereótipo do *gay* afeminado.

De fato, os homens encontrados no bailão seguem, em sua maioria, estas características. Os *gays* ali não são estereotipados como os que se encontram normalmente nas baladas *gays* da cidade frequentadas por homens mais jovens. São homens comuns, figuras habituais do cotidiano, com trajés familiares, calça jeans ou social, camisa, sapato. Alguns parecem se confundir com “pais ou tios” de classe média,

vestindo até paletó, mas não há plumas, brilhos, patês, couro, roupas justas nem trajes mais modernos como os dos *gays* mais jovens. Neste caso, não se trata dos *gays* que costumamos ver pela cidade, assumidos e mais estereotipados, são os *gays* (in)visíveis presentes no dia-a-dia do centro urbano. Não havia somente idosos na pista, mas também rapazes jovens, acompanhados de homens mais velhos.

Na pista de dança esses homens parecem uma grande massa dançante, bailando ao som de música romântica, brega, disco dos anos 70, *dance music* dos anos 80, música pop internacional, sucessos atuais, uma grande variedade de estilos. O ambiente escuro com muitas luzes e fumaça requer um esforço do olhar para que se enxergue as fisionomias das pessoas. Mensagens que proíbem fotografar e filmar são enfáticas: há um cartaz logo na entrada e no telão, constantemente, é dado o recado. Curiosamente, as músicas remetem ao romance e o que se observava eram casais de rosto colado que não mudavam de parceiro a noite toda. No decorrer da noite, o baile vai esquentando. Vimos um casal que se abraçava e beijava freneticamente como dois adolescentes, sem as barreiras do pudor e rompendo os mitos que vinculam sexo necessariamente à juventude.

A obscuridade que envolve as práticas sexuais desses homens é um fator determinante. No curta-metragem “Bailão”, documentário de Marcelo Caetano, um frequentador do ABC Bailão fala da marginalidade a que esse grupo de *gays* mais velhos foi condenado. Mesmo com a aparente liberação e maior tolerância conquistada junto à sociedade, este ho-

mem diz que “*aprendeu a ser marginal*” e seu desejo foi condicionado ao contexto da marginalidade, do obscuro e não revelado.

- *Meu desejo foi educado para isso, como eu te disse, ah... a liberação veio tarde demais para mim, já não dá mais para eu me reeducar, eu fui educado para ser marginal, não dá para ser moço, agora... com 66 anos não dá para ser moço, eu vou continuar sendo marginal*” (Bailão, filme de Marcelo Caetano, 2009).

Os arredores do bailão são ruas mais escuras, em cujas esquinas há travestis e michês, mesmo porque a área faz parte do circuito Praça da República – Largo do Arouche, onde se concentra a maior parte de bares e casas noturnas *gays* da cidade, além de cines pornôs. O baile fica no conjunto que abriga o “Edifício Barão de Motta Paes”, onde funcionava a antiga casa noturna *gay* HS, abreviação de Homo Sapiens.

O ABC Bailão parece estar entre o baile e a balada, o clima mais romântico de baile, com casais dançando de rosto colado, de mãos dadas, entre afaços e carinhos, mas também a atmosfera de balada, noitada, pista cheia com pessoas dançando sozinhas e paquerando, segurando uma latinha de cerveja e transitando por entre os frequentadores. A música dá o clima, por vezes mais romântico ou mais próximo à discoteca, fazendo o cenário se transformar. Os mais velhos vão embora mais cedo e com o avançar da noite, o baile se torna mais próximo da balada, com a *dance music* e música eletrônica, substituindo

as músicas mais românticas e *flashbacks*.

Lá dentro, na pista quadriculada de preto e branco, típica de discotecas, muitos dançam juntos, de rosto colado, outros sozinhos. Nota-se que há muitos *habitués*, pois se cumprimentam uns aos outros e ao promover José que os recebe com um abraço e beijo no rosto. José parece conhecer a maioria dos frequentadores, mesmo sendo centenas deles. Em volta da pista forma-se um grande círculo de observadores, os mais tímidos arriscam alguns passinhos, outros quietos, simplesmente parados, observam. E o baile continua.

## 8 HOMOSSEXUALIDADE E ENVELHECIMENTO

O ABC Bailão em São Paulo é um convite à reflexão sobre um tema muito pouco explorado na produção acadêmica, a homossexualidade e o envelhecimento. A complexidade do tema é enorme, tanto quanto a obscuridade que qualifica a experiência homossexual desses homens.

Uma questão que parece central na dinâmica investigativa é a dupla estigmatização sofrida pelos sujeitos, seja pela ascendência da moral heterossexual na nossa sociedade, seja pelo desprestígio e desqualificação da velhice. Esta dupla ocorrência parece dificultar ainda mais a compreensão de uma sexualidade “extra-oficial” na velhice cuja imagem, segundo os parâmetros dominantes, remete ao desejo abrandado e ao romantismo assexuado. Mas a velhice vivida nas grandes cidades não garante mais os modos de vida pacatos do passado.

A experiência sexual na sociedade contemporânea requer novos padrões de sociabilidade num contexto de identidades múltiplas, onde o padrão família que tanto rejeitou a homossexualidade, vem se readeguando às novas transformações socioculturais e a um complexo jogo de identidades sexuais. Além disso, os velhos não são submetidos apenas à moral presa à cultura heterossexista. Eles também respondem a normatividades homossexuais e suas classificações não menos perversas. Segundo um informante encontrado no *bailão*, os homossexuais mais velhos recebem na comunidade *gay* a denominação de “desmanche”, no sentido de decomposição, sendo conhecidos como “*as tias que só desejam pegar os garotinhos*”.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quando o assunto é acessibilidade, a pergunta de partida deve ser como cada cidade integra seus velhos. A cidade como conquista, cenário de vida e encontros exige autonomia com justiça social. A luta por inclusão social e cidadania deve contemplar os problemas de circulação enfrentados pelos idosos, até porque “(...) *quase todos os requisitos de segurança e acessibilidade para pessoas idosas criam conforto para qualquer pessoa em boa parte de sua vida*” (SCHICCHI, 2000, *apud*, FERNANDES, 2000). Aumentar o conforto e reduzir o nível de perigo a que estão expostos os segmentos mais envelhecidos da população ainda é um desafio a ser enfrentado pela cidade de São Paulo cujos resultados trará mais se-

gurança para todos os cidadãos.

No contexto do mundo do trabalho a velhice ocupa cenários bastante plurais na cidade, à semelhança do que ocorre na sociedade capitalista. Chamam atenção as situações de sofrimento enfrentadas pelos velhos trabalhadores, evidenciando a ausência de políticas públicas dirigidas aos segmentos mais vulneráveis da população. O velho pobre que apresenta limitações, quando submetido à dinâmica das forças econômicas é vítima do subemprego, a fim de cumprir as obrigações e responsabilidades de chefe de família. Trata-se de uma situação limite comum nas grandes cidades brasileiras, ao contrário do que ocorre com os velhos que praticam o trabalho social voluntário ou possuem autonomia e certa segurança financeira para definir quais as condições de trabalho mais adequadas ao seu modo de vida. Nestes casos o trabalho pode se tornar uma atividade integradora e vital ao próprio cotidiano do envelhecer. Seja qual for o caso, para além dos bordões associados ao *idoso produtivo*, o trabalho que traz dignidade e é produto da livre escolha dos indivíduos tende a se constituir como experiência positiva na velhice.

O debate sobre novos modos de envelhecer na contemporaneidade remete a formas de gratificação e satisfação na velhice. A possibilidade de filiação a projetos associativos que subvertam o tempo social dos velhos —geralmente dispensado à família e ao lazer, segundo o registro do *bom envelhecer*— é um fenômeno raro na grande cidade, quando baseado em valores como solidariedade e tradição. Neste caso, mais que trabalhar, é preciso *vestir a camisa*, criar

alternativas a partir de objetivos comuns, pois todo o esforço será coroado e recompensado pelo advento da festa. É com essa paixão que os velhos do Bixiga participam da paróquia e das comemorações anuais em homenagem a Nossa Senhora da Achiropita. Nesse caso, os velhos não se sentem apenas úteis e inseridos socialmente, mas também parte de um espaço ritual de louvação e bençãos que a festa promove, ajustando os laços sociais entre os participantes, o senso de religiosidade e promovendo a sensação coletiva do dever cumprido. A festa é esse caldeirão de afetos, esforços, expectativas — a festa é o sonho que sai do imaginário e entra na realidade cotidiana dos velhos no Bixiga.

A construção de maneiras distintas de envelhecer informa sobre a necessidade de conhecermos o modo como os velhos percebem seus problemas, qual a estratégia para enfrentá-los e o nível de dificuldade para superá-los. Neste contexto, os homossexuais mais velhos que frequentam o ABC bailão remetem ao enfrentamento de duas culturas baseadas em fortes correntes de representação e estereotipia — o heterossexismo patriarcal e a *homonormatividade gay*. Dessa forma, uma grande dificuldade a ser enfrentada pelos velhos homossexuais é ultrapassar os sistemas de homogeneização que atravessam a experiência sexual em nossa sociedade, uma vez que estarão subordinados a regras do universo hetero e homossexista. As pressões e constrangimentos decorrentes serão fundamentais para que os velhos possam negociar posturas entre o ser e estar homossexual, marco fundamental na compreensão da sua história afetiva e de vida.

Neste trabalho seguir as rotas do cotidiano significou obedecer a uma lógica de descobertas que, longe dos rígidos quadros teórico-conceituais, buscou a realidade social onde ela se insinua, porque a “*fonte primeira de todo o conhecimento é o cotidiano, é o vivido*”(PAIS, 2003).

Os diferentes contextos do envelhecimento na região central da cidade de São Paulo apontam, fundamentalmente, para a questão da diversidade. A velhice é uma experiência singular e os discursos sobre ela são oscilantes e estão sujeitos a modificações de acordo com a conjuntura e os contextos histórico, econômico e social. Segundo uma citação já clássica em textos sobre envelhecimento:

(...) **a idade é um dado biológico socialmente manipulado<sup>17</sup> e manipulável**; e que o fato de falar dos jovens como se fossem uma unidade social, um grupo constituído, dotado de interesses comuns, e relacionar estes interesses a uma idade definida biologicamente já constitui uma manipulação evidente (BOURDIEU, 1980).

Por isso é inadequado e profundamente injusto que a produção de conceitos sobre o envelhecer defina modelos ou normas de comportamentos para os velhos, condicionando e definindo padrões de inserção e oportunidades coletivas na vida social. O envelhecimento como construção social acena para inúmeras possibilidades de vida, como mostram as investigações antropológicas sobre os Bambara, do Mali:

---

<sup>17</sup>O grifo é nosso.



(...) consideram a velhice uma conquista. Para eles, o envelhecimento é concebido como um processo de crescimento que ensina, enriquece, enobrece o ser humano. Ser velho significa ter vivido, ter criado filhos e netos, ter acumulado conhecimento e ter conquistado, através destas experiências, um lugar socialmente valorizado. (...) Toda a vida social é organizada em função do princípio de senioridade. Considera-se que os mais velhos estão mais próximos dos ancestrais e, por essa razão, detêm a autoridade. Respeito e submissão marcam o conjunto de comportamentos dos mais jovens para com os mais velhos” (UCHÔA, 2003).

O processo de envelhecimento em diferentes culturas mostra que os modos de envelhecer são decisivamente marcados pela cultura, como se pode observar entre os Cuiva, população indígena da Colômbia:

(...) os Cuiva negariam todas as formas de envelhecimento, pois, preocupados com os ideais de igualdade e homogeneidade que estruturam a sociedade, evitariam tudo que poderia provocar ruptura social. (...) os Cuiva não constróem uma idade da velhice: depois de sair da infância, o indivíduo integra o grupo de adultos e continua confundido neste grupo até a sua morte. Não existe espaço social particular para os velhos, nem atividades das quais eles são excluídos. Entre os Cuiva, ninguém é *considerado velho demais para produzir, tomar decisões, casar ou qualquer outra coisa. (...) a sociedade Cuiva trata os velhos como se a velhice não existisse, evidenciando um modelo radicalmente oposto ao modelo oci-*

*dental* (ARCAND, 1989, *apud* UCHÔA, 2003).

A longa trajetória de negatificação da velhice no ocidente está associada a um repertório de perdas no envelhecimento que vai desde os papéis sociais até as capacidades físicas e mentais (Uchôa, 2003). Nesse sentido é inaceitável que a produção acadêmica reforce qualquer perspectiva que mantenha a marginalização já sofrida pelos velhos, admitindo novas modalidades homogeneizantes do envelhecer.

## REFERÊNCIAS

- BENJAMIN, W. *Charles Baudelaire, um lírico no auge do capitalismo*. Obras Escolhidas, Volume III. São Paulo: Brasiliense, 1995.
- BOURDIEU, P. *Questions de Sociologie*. Paris: Ed. du Minuit, 1980.
- CALVINO, I. *As cidades invisíveis*. São Paulo: Cia das Letras, 2003.
- ENGELS, F. *A situação da classe operária na Inglaterra*. São Paulo: Boitempo Editorial: 2008.
- FERNANDES, J. C. Urbanismo e envelhecimento: algumas reflexões a partir da cidade de Uberlândia. *Caminhos de Geografia, Uberlândia*, 1(2)31-49, dez.2000.
- GUARINELLO, N. L. Festa, trabalho e cotidiano. In: JANCSÓ, I (org.) *Festa: cultura e sociabilidade na América Portuguesa*, Vol II. São Paulo: Edusp, 2001.
- JACOB, C. R., HESS D.R., WANIEZ P., BRUSTLEIN V. *Atlas da filiação religiosa e indicadores sociais no Brasil*. São Paulo: Edições Loyola, 2003.
- PAIS, J.M. *Vida cotidiana: enigmas e revelações*. São Paulo: Cortez, 2003.
- PRADO, A.R.A. *Acessibilidade e desenho universal*. Anais do 3º Congresso Paulista de Geriatria e Gerontologia. Santos, 2003.

TORRES, H. G., MARQUES, E., FERREIRA, M.P. e BITAR, S. Pobreza e espaço: padrões de segregação em São Paulo. *Estudos Avançados*, São Paulo, 17(47), 2003.

SIMMEL, G. A metrópole e a vida mental. In: Velho, O.G. (org.) *O Fenômeno Urbano*. Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 1987.

UCHÔA, E. Contribuições da antropologia para uma abordagem das questões relativas à saúde do idoso. *Cadernos de Saúde Pública*, Rio de Janeiro, 19(3): 849-853, mai-jun, 2003.

## **FILMOGRAFIA**

*Bailão*. Dirigido por Marcelo Caetano. Brasil, curta-metragem, 35 mm, 2009.

Recebido em setembro de 2010  
Aprovado em novembro de 2010